



Coleção Retratos do Brasil

1. *Cartas Chilenas* — Tomás Antônio Gonzaga
org. Joaci Pereira Furtado
2. *Apontamentos de Viagem* — J. A. Leite Moraes
org. Antonio Candido
3. *Jornal de Timon* — João Francisco Lisboa
org. José Murilo de Carvalho
4. *Memórias do Sobrinho de Meu Tio*
— Joaquim Manuel Macedo
org. Flora Sússekind
5. *O Carapuceiro* — Pe. Lopes Gama
org. Evaldo Cabral de Mello
6. *Vossa Insolência* — Olavo Bilac
org. Antonio Dimas

Conselho editorial
Antonio Candido
João Moreira Salles
Lília Moritz Schwarcz
Maria Emília Bender

Olavo Bilac

Vossa Insolência

Crônicas

ORGANIZAÇÃO:

Antonio Dimas



(1899 — 1908)

Antonio Dimas

COMPANHIA DAS LETRAS

1196

Jornal do Comércio

Muitos velhos leitores do *Jornal do Comércio*, amigos fiéis da tradição, escravos dos seus hábitos, tiveram há dias um movimento de surpresa e desgosto, quando viram a folha transformada, menor, mais bem paginada, de leitura mais fácil. A reforma não foi tão radical como poderia e deveria ter sido; mas, ainda que incompleta, bastou para surpreender os sexagenários e septuagenários que encaram com horror toda novidade.

O *Jornal do Comércio*, entretanto, está sendo há bastantes anos trabalhado por uma revolução íntima, que, sendo dirigida com muito tato e muita prudência pelo atilado espírito do dr. José Carlos Rodrigues, tem passado quase despercebida.

Ainda tenho bem presente à memória o que era essa

folha na minha adolescência, quando o meu espírito se ensaiava na vida das letras e da imprensa diária. Nós todos, rapazes daquele tempo, dávamos ao *Jornal* o apelido de "mastodonte". É bem o merecia a grave, pesada, seriíssima e formidável folha, em cujas colunas nunca aparecia um sorriso. O grande órgão era, ao mesmo tempo, um conselheiro Acácio e um gato-pingado. Nele, a gravidade e a tristeza se confundiam de modo íntimo. O seu bom senso chegava às raias da tolice; e a melancolia do estilo dos seus redatores dava à gente idéias de suicídio. Não era um jornal: era uma máquina de moer notícias. Não tinha idéias: tinha movimentos instintivos. Nunca se via na sua enorme face impassível de paquiderme monstruoso o relampejar de um pensamento alegre, de uma aspiração de amor, ou de uma revolta de ódio. O papão abominava os versos, toda a literatura, as anedotas, a arte livre, o teatro leve. Era horrível!

Mas, há cerca de dez anos, tudo nele começou a transformar-se pouco a pouco, imperceptivelmente. Primeiro, uma pequenina flor no peito; depois, uma gravata clara, contrastando com o negror da sobrecasaca abotoada; depois, a cartola substituída por um chapéu de palha... A

graça e o bom humor, achando ali uma porta entreaberta, penetraram na casa, e instalaram-se nela.

Mas como o *Jornal* conservava sempre o seu imenso formato, os velhos leitores não percebiam que debaixo daquela antiga pele corria um sangue novo. Não viam como se renovavam os colaboradores da folha, nem como já o "mastodonte" se arriscava a sorrir, a ter idéias e opiniões, a discutir com calor as questões da política e da literatura, nem como a Polêmica se instalara naquelas colunas outrora dominadas exclusivamente pela Notícia incolor e seca. Houve até ali uma revolução escandalosa, que passou sem reparo: foi a velha grafia dos passados dos verbos: *formarão, forão, escreverão*, que, em toda a imprensa do Rio, o *Jornal* era o único a manter. De repente, da noite para o dia, o *Jornal* começou a grafar *formaram, foram, escreveram*; e os leitores tradicionalistas, sempre fascinados e dominados pelo prestígio do formato, não viram que, despindo-se dessa última usança do seu passado, o grande órgão acaba de dar o salto decisivo por cima do fosso da tradição.

Agora, mudado o formato, é que os fiéis dos hábitos adquiridos percebem a revolução...

E esta ainda está longe de se ter completado. Ainda hei

de ver o *Jornal* com as colunas cheias de gravuras, e com uma seção de *smartismo*, como "O binóculo".

O "mastodonte" é hoje criatura da sua época. O carro de bois transformou-se em automóvel...

Olavo Bilac

Correio Paulistano

18/7/1908

Moléstia da época

Venho escrever esta "Crônica" depois de uma longa excursão.

Estou derreado, tenho dores nos rins e nas pernas, doem-me os olhos de ter visto tanta coisa, dói-me o cérebro de haver pensado tanto.

A minha viagem durou duas horas: entretanto, em tão escasso tempo achei meio de ver meio mundo: estive em Paris, em Roma, em Nova York, em Milão; vi Cristo nascer e morrer; desci ao fundo de uma mina de carvão; estive ao lado de um faroleiro, no alto de um farol, entre os uivos das ondas; assisti ao tumulto de uma greve na França; vi o imperador Guilherme passar revista no exército alemão na Westfália; vi Sansão ser seduzido e vencido por Dalila, e sepultar-se sob as ruínas do templo derrocado...

Creio que já todos terão compreendido que esta longa viagem foi... cinematográfica. Fui hoje arrastado por um conhecido a quatro dos dezoito cinematógrafos que fazem atualmente a delícia dos cariocas. Paguei o meu tributo à mania da época, e não me arrependo — apesar de estar fatigado como se houvesse realmente vagamundeado durante dous anos por terra e mares.

Dezoito cinematógrafos! Já foi feita a estatística. São dezoito e, na policia, aguardam despacho outros tantos requerimentos de cidadão que pretendem explorar o mesmo gênero de negócio. Existem já há dezoito — dúzia e meia. Só a Avenida possui quatro. E cada bairro da cidade possui pelo menos um: há um na rua Larga de São Joaquim, outro no Passeio Público, outro em Botafogo, outro no Haddock Lobo, outro no largo do Machado, outro em Vila Isabel, outro em São Cristóvão. Daqui a pouco haverá outro no Jardim Botânico, outro no Corcovado, outro no planalto da Gávea; e, assim que se construir o elevador elétrico para o Pão de Açúcar, logo um empresário instalará um aparelho Pathé ou Lumière no alto da majestosa atalaia da barra.

É atualmente a ocupação dos desocupados do Rio. E, como os desocupados do Rio são legião, todos os cinema-

tógrafos são freqüentados e dão dinheiro. Já um jovem médico de talento, que estuda com fervor as psicopatias, o dr. Humberto Gottuzo, publicou há dias n' *O Brasil* um excelente artigo, afirmando que a mania cinematográfica é uma nevrose. Não sei! Prefiro acreditar que essa mania seja apenas resultado da vadiação carioca. Há indivíduos que passam todos os dias quatro ou cinco horas nos cinematógrafos da Avenida, de boca aberta, a ver tremet na tela branca a vida saracoteante das fitas...

Pois eu também fiz hoje, neste sábado de Finados, a minha estréia de freqüentador de sessões cinematográficas.

Fui matriculado nesse vício por um sujeito que vagamente conheço, e com o qual esbarrei ontem à porta de uma dessas casas. Ia entrar e convidou-me:

“Venha! Temos hoje toda a vida de Cristo em 39 quadros e mil metros de fita — um quilômetro do Novo Testamento! desde o estábulo até o Calvário! Não gosta de cinematógrafos?”

Respondi que nem gostava muito, nem aborrecia muito... E perguntei:

“E o senhor, gosta muito?”

“Assim, assim... Quando estou desocupado, como hoje. Que se há de fazer num dia como este? Três dias de folga a

fio! Todos os Santos, Finados, domingo... Que horror! Como isto atrapalha a vida da gente!"

Não pude deixar de sorrir, ouvindo esta lamentação. O sujeito, que assim me falava, é o tipo modelar do vadio carioca. Há muitos vadios por aqui: mas nenhum é tão vadio como esse que nasceu rico, foi criado com mimo, cresceu na ociosidade, passou dez anos a cursar uma faculdade de direito, herdou duas centenas de apólices, e só tem na vida um trabalho: o de ir receber periodicamente os juros fartos e fáceis desse capital. É um preguiçoso que sai da cama ao meio-dia, almoça às duas da tarde, namora e passeia até as cinco, faz visitas, boceja em todas as festas, e fica até as quatro da manhã animando com a presença as salas de jogo dos clubes. E de quando em quando, em conversa, queixa-se da escassez do tempo. Já repararam como se queixam da falta de tempo as pessoas que nada fazem?...

O meu interlocutor não viu ou não compreendeu o meu sorriso. E continuou:

"É um escândalo! Há no ano 51 domingos, dez dias feriados, 25 dias santificados! Terra de vadios!... Eu nunca tenho tempo disponível para divertimentos: mas, hoje, que hei de fazer para matar o dia de Finados? Entre comigo! Um dia não são dias!"

Entramos. Sobre a tela tremia a vida dos mineiros de carvão no fundo da terra. Agitando-se como toupeiras, aquelas estranhas figuras apareciam de repente, surgindo de um buraco escuro, e desaparecendo logo em outro buraco. Sacudiam-se picaretas, subiam e desciam elevadores, havia quedas súbitas de terra e pedras, explodiam pedaços de rocha. E, no tremor convulsivo da cena, os atores pareciam atacados de um morbo trepidante, de um delírio agudo de trabalho e movimento...

O meu iniciador no vício cinematográfico olhava, mirava, admirava, embevecido, deliciado, enlevado. E, ao mesmo tempo, num acesso de lirismo industrial, entoava um hino ardente ao labor, à agitação, à febre, à vida intensa:

"Veja o senhor! Como é belo o trabalho! é a maior glória humana! E que gênio o do homem que inventou isto, esta máquina milagrosa que parece ter uma vida própria e uma inteligência individual, este aparelho prodigioso, que tão estupendamente apanha em flagrante e reproduz com tanta fidelidade o sagrado delírio, a febre fecunda, o rebuliço fértil, o alvoroço criador do Trabalho Humano! Chega a ser monstruoso que haja tanta gente, no mundo, vivendo sem trabalhar..."

Desdobravam-se agora na tela os episódios da história de Sansão e Dalila. E dizia-me o apologista do Trabalho:

“Esta fita está um tanto estragada. E este cinematógrafo não é dos melhores. Quero, daqui a pouco, levá-lo a outro, que é muito superior a este. Estive lá ontem: é magnífico. E o de São Cristóvão? também é muito bom: estive lá anteontem. Já fui também ao do largo do Machado, ao de Botafogo, ao do Haddock Lobo...”

E, pouco a pouco, o meu companheiro, tão admirador do Trabalho Humano, foi confessando conhecer todos os dezoito cinematógrafos do Rio de Janeiro, do primeiro ao último: e acabou por declarar que era raro o dia em que não entrava em sete ou oito!

Acabou a sessão... Salmos. E, dócil, sem protestar — como é fácil perverter um homem! e que terrível é o contágio da vadiagem! — acompanhei-o a um segundo cinematógrafo. E fomos ao terceiro. E fomos ao quarto!

Quando me lembrei da “Crônica” eram dez horas da noite...

E aqui estou a escrevê-la, derreado, tonto, moído — e aterrado por esta idéia: terei contraído também a moléstia da época? desandarei, agora, no fim da vida, em madraço freqüentador de cinematógrafos?

São mais de onze horas... Já da tipografia vieram súplicas, pedidos, exigências, protestos: “Os originais da ‘Crônica’?! vêm ou não vêm esses originais?! todo o trabalho vai ser perturbado! mandem essa ‘Crônica’, com todos os diabos!”. E, às pressas, sem pesar palavras, escrevo, escrevo, escrevo... E o secretário da redação, exasperado, lança de minuto em minuto em que escrevo um olhar de fera faminta...

Deus de misericórdia! decididamente não há nada pior do que as más companhias...

O. B.

Gazeta de Notícias

3/11/1907

O bonde

Não me faltariam assuntos com que atulhar o bojo de uma larga crônica, bem nutrida e bem variada, neste sábado em que escrevo — um sábado alegre e quente de um sol que cobre de tons de ouro e topázio os nossos feios telhados do século atrasado. Mas não quero outro assunto, senão este: o bonde — o bonde amável e modesto, veículo da democracia, igualador de castas, nivelador de fortunas —, o bonde despretensioso, de que, anteontem, festejamos o 35º aniversário natalício.

Natalício sim — porque, para o Rio de Janeiro, o bonde nasceu há 35 anos somente. E a cidade ainda está cheia de gente que se lembra das gôndolas pesadas e oscilantes, que se arrastavam aos trancos, morosas e feias como grandes hipopótamos.

O bonde, assim que nasceu, matou a gôndola e a diligência, limitou despoticamente a esfera da ação das caleças e dos *couplets*, tomou conta de toda a cidade — e só por generosidade ainda admite a concorrência, aliás bem pouco forte, do túburi. Em 35 anos, esse operário da democracia estendeu por todas as zonas da urbe o aranhô dos seus trilhos metálicos, e assenhoreou-se de todas as ruas urbanas e suburbanas, povoando bairros afastados, criando bairros novos, alargando de dia em dia o âmbito da capital, estabelecendo comunicações entre todos os alvéolos da nossa imensa colméia. São deles as ruas, são deles as praças, tudo é dele, atualmente. De dia e de noite, indo e vindo, ao rom-rom da corrente elétrica, ou ao rumoroso patear dos muares sobre as pedras, aí passa ele, o triunfador — o servidor dos ricos, a providência dos pobres, a vida e a animação da cidade.

Haja sol ou chuva, labute ou durma a cidade, o trabalho metódico do bonde não cessa: à alta noite, ou alta madrugada, quando já os mais terríveis noctívagos se meteram no vale dos lençóis, ainda ele está cumprindo o seu fadário, deslizando sobre os trilhos, abrindo clareiras na treva com as suas lanternas vermelhas ou azuis, acordando os ecos das ruas desertas, velando incansável pela

comodidade, pelo conforto, pelo serviço da população. Cheio ou vazio, com passageiros suspensos em penças nas balaustradas ou abrigando apenas dous ou três viajantes sonolentos — a sua marcha é a mesma, certa e pausada, num ritmo regular que é a expressão perfeita da regularidade da sua missão na Terra...

Trinta e cinco anos... Para celebrar esse aniversário, a Jardim Botânico,¹ que se orgulha da sua decania, da sua dignidade de primaz das companhias de bondes, organizou festas alegres, com muita música e muita luz — e com muita satisfação dos empregados, que tiveram *lunch*, relevações de penas, pequenos favores amáveis, e até uma proclamação do gerente, falando em “vestais”, em “fogo sagrado”, e em outras cousas igualmente lindas e retóricas.

No largo do Machado, vi ontem um bonde, encostado ao jardim, fulgurante e garrido, emergindo de entre tufos de folhagens, constelado de lâmpadas elétricas, apendoado de flâmulas, e ressoante de músicas festivas. Confesso que gostei imensamente dessa apoteose do bonde. Era bem justo que o glorificassem — a esse belo companheiro e

¹ Jardim Botânico era o nome da companhia de bondes que operava no Rio de Janeiro.

servidor da nossa atividade. Naquela apoteose, vibrava a alma agradecida de toda a população.

Por mim, não me lembro das gôndolas, nem do dia em que os primeiros bondes partiram da rua do Ouvidor. Nesse tempo, eu ainda era um pirralho de dous anos e tanto, mais ocupado em ensaiar a língua tatibitárica do que em tomar conhecimento de progressos. Mas o *Jornal do Comércio*, esse venerando ancestral (que, se não me engano, em fins de abril de 1500, já dava minuciosa notícia da ancoragem de Cabral em Porto Seguro), contou em 10 de outubro de 1868 o que foi a festa da inauguração. “O trajeto”, disse o velho *Jornal*, “fez-se entre alas de povo, achando-se também as janelas guarnecidas de espectadores; os carros são cômodos e largos, sem por isso ocuparem mais espaço da rua do que as gôndolas, porque as rodas giram debaixo da caixa, e uma só parelha de bestas puxa aquela pesada máquina suavemente sobre os trilhos, sem abalo para o passageiro, que quase não sente o movimento.” Essas palavras podem parecer hoje frias e secas: mas naquele tempo, escritas pela gente do *Jornal*, deviam ser o cúmulo do entusiasmo... Daquele reduto de circunspecção, daquele templo de Prudência, só podiam sair louvores bem calculados e medidos. Tanto assim, que o final da notícia

revelava uma reserva cautelosa: "Cumpre deixar que a experiência fale por si, mas, tanto quanto desde já pode conjecturar-se, o que devemos desejar é que a mesma facilidade de locomoção se estenda a outros arrabaldes da cidade".

Vejam só o que é o hábito! Naqueles primeiros dias da existência dos bondes, tudo parecia bom: era um espanto ver que as rodas giravam debaixo das caixas, e que os carros não ocupavam mais espaço do que as gôndolas, e que uma só parelha de bestas bastava para puxar a pesada máquina, e que o passageiro quase não sentia o movimento!

Cotejem-se esses elogios com as queixas de hoje — ter-se-á, mais uma vez, a confirmação dessa grande lei, que é tão verdadeira para as cousas do espírito como para as cousas do corpo: "As exigências aumentaram na razão directa das concessões". Se naquele tempo tudo parecia bom, hoje tudo parece mau: o movimento é moroso, os solavancos são terríveis, a luz é escassa, os condutores só merecem censura, os horários nunca são cumpridos, e tudo anda à matroca...

Tudo isso é natural: depois da luz do azeite, já a luz do querosene não nos satisfaz, como não nos satisfaz a luz do

gás; e a mesma luz da electricidade já nos está parecendo insuficiente...

Mas que te importa que digamos mal de ti, condescendente e impassível bonde? Tu não dás ouvido às nossas recriminações, e vais alargando o teu domínio, dilatando o teu aranhol, suprimindo as distâncias, confraternizando pela aproximação o Saco do Alferes com Botafogo e a Vila Guarani com o Cosme Velho, e reinando como senhor absoluto e indispensável sobre a nossa vida.

E deixa-me dizer-te aqui, nesta coluna repousada, que não te amo apenas pelos serviços materiais que nos prestas, senão também pelos teus grandes serviços morais.

Tu és o Karl Marx dos veículos, o Benoit Malan² dos transportes.

Sem dar mostras do que fazes, tu vais passando a rasoura¹ nos preconceitos, e pondo todas as classes no mesmo nível. Tu és um grande socialista, ó bonde amável!

Os ricos, atendendo à tua comodidade e apreciando a tua barateza, abandonam por ti as carruagens de luxo, e preferem ao trote dos cavalos de raça o trote das tuas bestas

☛² Benoit Malan (1841-93): socialista francês, autor do livro *O socialismo integral*.

☛¹ Instrumento que nivela, alisa ou aplaina madeira ou metal.

ou a suave carreira da tua corrente elétrica. Assim, nos teus bancos, acotovelam-se as classes, ombreiam as castas, flanqueiam-se a opulência e a penúria; sobre os teus assentos esfregam-se igualmente os impecáveis fundilhos das calças dos janotas e os fundilhos remendados das calças dos operários; e, nessa vizinhança igualadora, roçam-se as sedas das grandes damas nas chitas desbotadas das criadas de servir. Ah! ao lado do capitalista gotoso, senta-se o trabalhador esfomeado; a costureirinha humilde, que nem sempre janta, acha lugar ao lado da matrona opulenta, carregada de banhas e de apólices; o estudante brejeiro encosta-se ao estadista grave; o poeta, que tem a alma cheia de rimas, toca com o joelho o joelho do banqueiro, que tem a carteira cheia de notas de quinhentos mil-réis; aí a miséria respira com a riqueza, e ambas se expõem aos mesmos solavancos, e arrelham-se com as mesmas demoras, e sufocam-se com a mesma poeira... Tu és um grande apóstolo do Socialismo, ó bonde modesto! tu destruíste os preconceitos de raça e de cor, tu baralhaste na mesma expansão de vida o orgulho dos fortes e a humildade dos fracos, as ambições e os desinteresses, a beleza e a fealdade, a saúde e a invalidez...

E, além disso, amo-te porque és, juntamente com o

café, o que era nas antigas povoações selvagens o *cachimbo da paz* — o veículo da hospitalidade e da sociabilidade.

Na roça, é tomando café que se estabelecem e estreitam as relações; na cidade, é viajando no mesmo bonde que se consegue isso.

O bonde é um criador de relações de amizade... e de amor... Há amigos inseparáveis que se viram pela primeira vez no bonde, começaram por olhar-se com desconfiança, passaram a saudar-se com cerimônia, encetaram palestras frias, foram do *senhor* ao *você* e do *você* ao *tu*, e uniram-se para a vida e para a morte. E há casamentos felizes e amores delirantes de que o bonde pachorrento foi o primeiro *onze-letas*.

De encontros fortuitos em bondes, têm saído negócios, namoros, combinações políticas e financeiras, empresas e bancos, e até... revoluções. O bonde põe em contato pessoas que nunca se encontrariam talvez na vida se não existisse esse terreno neutro e ambulante, em que se misturam diariamente todas as classes da sociedade. Às vezes antipatizamos com certo sujeito: um belo dia, esse sujeito sobe conosco para um bonde, paga-nos a passagem, ilude a nossa antipatia, conquista a nossa confiança — e daí a pouco, sem saber como nem por quê, estamos a contar-lhe

toda a nossa vida, e a dizer-lhe o nome da mulher que amamos, e a convidá-lo a vir jantar em nossa casa...

Ó bonde congraçador! tu fazes mais do que nivelar os homens: tu os obrigas a ser polidos, tu lhes ensinas essa tolerância e essa boa educação, que são alicerces da vida social...

E, já agora, deixa-me dizer-te tudo. Tu és o grande amigo dos poetas! Eu, por mim, devo-te grande parte dos meus versos, dos meus pensamentos, das minhas páginas de tristeza ou de bom humor... O teu suave deslizar embala a imaginação! o teu repouso sugere idéias; a tua passagem por várias ruas, por vários aspectos da cidade e da Vida — aqui ladeando o mar, ali passando por um hospital, mais adiante beirando um jardim, além atravessando uma rua triste e percorrendo bairros fidalgos e bairros miseráveis, e cruzando aglomerações de povo alegre ou melancólico —, vai dando à alma do sonhador impressões sempre novas, sempre móveis, como as vistas de um cinematógrafo gigantesco. Tu és um grande inspirador e um grande conselheiro, um grande fornecedor de temas, de sensações, de emoções suaves ou violentas — ó bonde! amigo dos que passam, embalados de sonhos, resolvidor de problemas difíceis, amadurecedor de reflexões fecundas!

Nós todos dizemos mal de ti, porque conhecemos a tua bondade: se nos privasses do teu serviço, ficaríamos sem rino, estonteados e pasmados, por essas ruas rolando à toa, como formigas de um formigueiro enlouquecido...

Ontem, quando te vi simbolicamente apoteosado, junto da estátua de Caxias, numa irradiação ofuscante — dei-te um longo olhar enternecido e grato. Emblema da simplicidade, imagem do congraçamento, veículo da Democracia — tu bem merecias essa homenagem ruidosa!

Agora mesmo, quase ao terminar essa "Crônica", toda consagrada à tua glória, estou antegozando a satisfação que me vais dar daqui a pouco... Por esta linda manhã, tão cheia de sol, vais levar-me por aí afora, embebido na contemplação das cousas e das gentes, adormecendo com o teu brando movimento a recordação dos aborrecimentos que me oprimem, e oferecendo-me, em cada esquina dobrada, um espetáculo novo e um novo germe de sonhos consoladores.

Haverá alguém que não te ame, bonde carioca?

Vê lá agora se, inchado de orgulho com esta declaração de amor, vais ficar pior do que és. Porque, enfim, tu és bom, mas não és perfeito. E nada impede que te aperfeiçoês: podes muito bem livrar-te do sistema de comboios,

podes bem ter uma luz que não prejudique tanto os olhos de quem te freqüente à noite — e podes, enfim, andar um pouco mais depressa. Nem todos gostam de sonhar como eu: há quem goste de agir — e, para esses, tu ainda és quase tão moroso como a velha gôndola que destronaste...

O. B.

Gazeta de Notícias

11/10/1903